



O Encontro Marcado: Oralidade, Letramento e Retórica na Paisagem Urbana¹

José Cardoso FERRÃO NETO²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

As performances públicas há muito vêm transformando os espaços da cidade em paisagens comunicacionais. Nelas, os modos orais e letrados de processamento da informação se fazem presentes e configuram a fala e o gesto dos intérpretes, a relação com a audiência, a gestão do tempo, a demarcação do espaço e a produção de memória. Estes elementos, necessários ao entendimento de como a informação é produzida, colocada em circulação, estocada e apropriada, podem ser observados no encontro semanal de políticos e militantes do Partido Socialismo e Liberdade com a audiência, no centro do Rio. Trata-se de um tipo de inscrição na textualidade urbana, capaz de revelar os efeitos retóricos dos discursos, urdidos na circularidade entre o oral e o escrito, que atraem o olhar e o ouvir dos habitantes e transeuntes, e desvendar uma cidade midiática.

PALAVRAS-CHAVE: oralidade; letramento; cidade; mídia; retórica.

“Mas os construtores das cidades
edificaram-nas em volta de uma praça pública,
onde todos se reúnem, onde se encontram como
num lugar neutro os hóspedes de passagem,
onde cada um se mostra e discursa, onde
circulam as procissões e as paradas e se exibem
os saltimbancos...”

Paul Zumthor

Um dos nossos “hóspedes de passagem”, o poeta Olavo Bilac, inserido na geografia de uma capital republicana pretensamente moderna, caminha pela sua mais famosa via pública, a Avenida Central, chega até a rua em que, “no tempo do rei”, os regimes de audição eram a marca registrada do lugar³, e percebe uma nova característica da grande cidade: o povo, ali, gosta de *ver*. Defensor árduo de um tipo mentalidade

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista PRODOC-CAPES do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, email: joseferrao@uol.com.br. Este artigo faz parte do Projeto de Pesquisa “O Rio dos sons, gestos e letras: cartografia de uma cidade da comunicação”, integrado ao PRODOC.

³ Refere-se, aqui, à Rua do Ouvidor, onde, segundo o que dá a ler Manuel Antonio de Almeida, os meirinhos do tempo de Dom João se reuniam num centro nervoso de produção e disseminação de narrativas orais. Cf. FERRÃO NETO, José. **Mídia, oralidade e letramento no Brasil: vestígios de um mundo dado a ler**. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2010, p. 94-95.



letrada que intentara transformar o velho centro do *Império do Brasil* numa cidade cenográfica, o “homem na multidão” reconhece que “a melhor educação é a que entra pelos olhos”, transforma mestres de obras em arquitetos e ruas sujas e sem planejamento em *boulevards* radiantes. O sentido da visão, que impregnava a reforma material da cidade, anunciava a Belle Époque tropical e permitia ao literato olhar os edifícios e espaços de circulação em perspectiva, agora se fixa nas maneiras de ver, na cidade. Em crônica publicada na revista *Kosmos*, em outubro de 1906, o *flâneur* faz um pequeno inventário daqueles que chama de *mirones* do centro do Rio:

Há muita gente que vê sem ver... E há também muita gente que sabe ver, que gosta de ver, e que afinal não vê nada; os que são pagos para ver [e] os que vão ver para serem vistos; [os que] contentam-se com ver o que não podem gozar [e] os que pagam para ver, e não vêem nada; [os que vêem] com os olhos da cara [e os que vêem] com os olhos do espírito (BILAC, 2005, p. 197-201).

Bilac atribui à ação dos camelôs das grandes cidades, e principalmente àqueles da Avenida Central e arredores, a arte de chamar a curiosidade dos “basbaques populares” e fisgar-lhes o olhar. “Onde não há quem veja, o camelô morre de fome”, conta o poeta-observador da paisagem urbana que se refaz continuamente nas mutações dos espaços públicos. Ao menor gesto de um passante, qualquer logradouro é capaz de atrair uma “multidão espessa” e, assim, “interrompe-se o trânsito, paralisa-se o trabalho e suspende-se a vida da rua”. À fixação no espaço corresponde a suspensão do tempo, que passa a ser medido e inscrito numa outra duração: nas “horas [que] correm [enquanto] todos os basbaques vão ficando ali” (BILAC, 2005, p. 198). Para Bilac, portanto, é a duração do olhar e as maneiras de ver que transformam um espaço em paisagem, na medida em que, também, demarcam a ação humana.

“A rua é um ator social”, ensina Arlette Farge (1992, p. 23), porque é ali que o povo da cidade se exprime. Ainda que o poeta, mergulhado na gramática da palavra-imagem, sublinhe a importância dos atos de ver, os espaços públicos das grandes cidades há muito se constituíram em lugares de produção, circulação e apropriação de variadas formas discursivas, em materialidades orais e escritas/impresas, em que se instaura a multiplicidade dos sentidos da percepção e da inteligência humanas. Na rua⁴, os gestos se cruzam, as palavras ecoam, as imagens dão a ler, os odores atraem e repelem. Ali, homens e outros bichos caminham, se encontram e se dispersam, lutam,

⁴ A palavra *rua*, considerada aqui na acepção ampla de espaço aberto, torna-se símbolo da vida pública urbana.



morrem e outras vezes nascem, ou seja, dão sentido ao mundo em suas práticas culturais, seus atos narrativos.

Ao processo de formação das cidades corresponde o aparecimento de uma retórica que se faz *no* e *através do* espaço público. É na ágora helênica que Telêmaco, filho do legendário Ulisses, reuniu a aristocracia homérica para buscar conselho e deliberar a respeito da busca pelo pai errante desde a guerra de Troia. “Lugar destinado à palavra”, a “praça da assembleia” (MUMFORD, 2008, p. 178-179) agrega funções religiosas, políticas, formadoras de opinião, de gestão do tempo, do espaço e da memória comunal. Torna-se, na extensão dos séculos, o espaço do sagrado e do profano, de comemorações do calendário oficial e de eventos da “cultura de baixo” (BAKHTINE, 1970); ali tanto se publicam os éditos reais quanto se panfleta contra o poder dominante. Mercadorias circulam com a mesma facilidade com que as notícias e os buchichos correm de olho em olho e de boca a ouvido.

Dialética e retórica fazem parte do ser na cidade e do estar na rua. Não é por acaso que Aristóteles as caracteriza como “faculdades práticas”, extensivas a todos os homens, e úteis à vida, no momento histórico em que a habilidade de falar em público se transformava em arte ou *technē* (ARISTOTLE, 2004, p. 4-5; 15; ONG, 1998, p. 126). *Práticas*, então, porque compõem o fazer(-se) humano e a realidade material que esta ação produz e transforma, em que se inserem, da mesma maneira, os atos comunicativos cotidianos como partícipes da configuração da experiência. A cidade, onde o espaço e a presença ativa dos sujeitos se conjugam para gerar paisagens, é toda ela argumentação. Construções verticalizadas, como as catedrais góticas e as torres espelhadas da contemporaneidade, anunciam e materializam um poder que emana do alto. Sinais de trânsito, sentinelas e cancelas tentam convencer da obrigatoriedade da lei, da ordem e do limite. Parques e jardins induzem à contemplação, ao descanso, à brincadeira, à pausa, enquanto nos dissuadem de voltar a tudo o que nega o ócio. Nas bancas dos vendedores de ideias e de outras mercadorias, objetos pendurados na corda ou arranjados sobre um balcão inscrevem-se nas tendas como signos a serem decifrados, que comunicam entre si e desafiam o espectador, seja ele mais um *flâneur* ou um potencial cliente. A letra, o som, o gesto e até o silêncio chamam à exposição, ao argumento e à persuasão. A cidade é dialética e retórica.

Oralidade, letramento e retórica marcam encontro na praça



Na embocadura das ruas São José e Nilo Peçanha, uma pequena aglomeração de gente chama a atenção de quem passa pelo centro do Rio de Janeiro contemporâneo. Em um dos cantos do triângulo que é a Praça Mário Lago, cercada pelas tendas dos camelôs, parlamentares e militantes do Partido Socialismo e Liberdade se reúnem toda sexta-feira, na hora do almoço, para o que chamam de “prestação de contas” à sociedade fluminense. A localização, privilegiada, tem o antigo *boulevard* de Pereira Passos, a hoje movimentada Avenida Rio Branco, como pano de fundo. O lugar também é conhecido popularmente como *Buraco do Lume*, em referência à enorme cratera que se formara naquele espaço no fim dos anos 1950, depois que uma “nebulosa” empresa desistiu de construir ali sua imponente sede, uma torre de mais de 20 pavimentos⁵. A história da praça, entretanto, remonta aos tempos da fundação da cidade, quando as terras, mais tarde removidas pelos tratores da empresa falida, ainda compunham parte do legendário Morro do Castelo. É um sítio antológico, para não dizer arqueológico, de onde também se escava a dialética entre morro e várzea, emblemática na constituição da paisagem física e humana do Rio.

O espaço da reunião, que atualiza a “praça da assembleia” homérica e ainda lembra a laicização da política que antes ocupava tanto a Acrópole⁶ quanto o Castelo⁷, é definido por um banner de cerca de 4,0 m de largura por 1,5 m de altura, esticado e preso com barbantes no tronco de duas árvores, como para demarcar o cenário da fala. Uma pequena caixa de madeira, pintada com a sigla e o número do partido nas cores quentes amarelo e vermelho e centralizada diante da faixa, serve como palanquinho para políticos e convidados se revezarem nos discursos. A uma distância de seis metros dos parlamentares, fica estacionado um carrinho de som, mini trio elétrico em torno do qual se forma o círculo de militantes, curiosos e transeuntes que param para ver (como nos tempos de Bilac) e ouvir.

O clima é de comício político, numa paisagem em que os modos orais e letrados de processamento da informação se revezam e se entrecruzam em dialéticas e porosidades. Os discursos se sucedem na fala e no gesto dos intérpretes, uns mais, outros menos inflamados, sobre temas que vão desde a proibição do uso de armas de

⁵ Sobre os dados históricos do Buraco do Lume, cf. <http://www.fotolog.com.br/andredecourt/35576364>. Acesso em 03.07.2011.

⁶ Cf. BLANQUART, Paul, 1997, p.42-43.

⁷ Marques Rebelo, ao recontar a história do Rio em crônica, situa a origem do burgo no Morro do Castelo, “graças à tenacidade de Mem de Sá e aos seus cuidados de estrategista prudente: mais fácil enfrentar com vantagem o assédio inimigo fincando-se a cidade no topo do morro. O Castelo era a cidade, que fortes muros encercavam” (2004, p. 25).



fogo até as liberdades civis de expressão GLBT. Reforça-se o argumento de autoridade da fala com a biografia dos políticos e convidados, lembrada amiúde no decorrer da performance pública, a atuação de cada um nos respectivos parlamentos e seu histórico de participação nos movimentos sociais. Historiadores, jornalistas e sociólogos trazem, cada um, o *habitus* construído nas lutas por representação nos respectivos campos, para reatualizar, também no espaço público da praça, as disposições do campo político que ali fala através de seus agentes (BOURDIEU, 2004, p. 31). Estes homens das letras são legitimados e legitimadores de um poder simbólico urdido na formação acadêmica de uma intelectualidade orgânica e na prática da oratória pública, estreitamente vinculadas à escolarização formal, à frequência aos círculos mais intelectualizados, além da presença no mercado editorial. Atravessaram, ainda, um processo eleitoral nas formas da lei escrita e promulgada ao conjunto da população, igualmente validador da retórica política. Não há dúvida de que se trata de uma fala imbuída das mentalidades ligadas à escrita e à impressão como tecnologias de estruturação do pensamento, do saber e do conhecimento. Uma vez que a “prestação de contas” inclui a separação dos acontecimentos da semana, do momento político-partidário, das transmissões midiáticas e do comportamento social para a análise e dissecação em praça pública, já se encontra, aí, uma atitude teórico-letrada de problematização e explicação do mundo, de categorização dos atos humanos, que se dá no cruzamento e na interpretação de dados oriundos de múltiplas representações do real.

Mas a verdadeira autoridade está na voz, nos lembra Paul Zumthor, no efeito vocal produzido através do corpo presente de um *rhétoriqueur* concreto, na concretude do tempo e do espaço. O trânsito pelas legendas dos partidos e as mudanças no espectro político não apagam a função tradutora das narrativas do poder, das coisas ditas e não ditas. Da mesma maneira, o *background* letrado do orador não consegue “frear o movimento dramático” da vocalidade performática (ZUMTHOR, 1993, p. 19, 64, 71). A força da oralidade e, mais precisamente, desta vocalidade, reside também em sua historicização. Tempo e espaço são demarcados; sabe-se que, às sextas-feiras, o encontro está marcado, antes mesmo que o PSOL se constituísse como legenda, quando seus militantes ainda figuravam no Partido dos Trabalhadores. À fixidez do intérprete da palavra política, cuja identidade “se manifesta com evidência tão logo abre a boca” (ZUMTHOR, 1993, p. 68), correspondem a demarcação do tempo e a firmeza do espaço. O intérprete sempre retorna à praça, que já foi Morro do Castelo e Melvin Jones, e hoje é Mário Lago, ainda sob a alcunha de Buraco do Lume. O que se percebe é



a construção de dois imaginários: primeiramente, a da circularidade e do devir de um tempo político oralizado, que sempre retorna na duração e que cria expectativas de um vir-a-ser constante, na superposição de presentes que formarão passados memoriais, lembrados amiúde nos encontros, e de futuros que já existem na expectativa de retorno da performance, na semana seguinte, quando a audiência é convocada a reaparecer. A partir daí, o espaço geográfico se reafirma, na duração, como “lugar da assembleia”, de um simbolismo antigo e quase mítico, capaz de reaver, por um lado, a função laica da ágora como “o” lugar democrático por excelência e, de outro, sua inscrição no conjunto das paisagens urbanas como espaço de circularidade do oral e do letrado, que a retórica política ajuda a demarcar:

De todas as partes, (...) agita-se uma humanidade tagarela e barulhenta, para quem o jogo vocal constitui o acompanhamento obrigatório de toda ação, de toda palavra, de todo pensamento, mesmo abstrato, desde que sejam sentidos e desejados como o reflexo de uma imanência, imunizados contra a deterioração das circunstâncias e do tempo” (ZUMTHOR, 1993, p. 72).

A praça é, portanto, a grande mídia da pólis: estende o parlamento à esfera pública, reorganiza a sintaxe da paisagem e da temporalidade urbanas, mede o tempo, tece memória. Na ação de seus frequentadores, a abstração do pensamento letrado se traduz em gesto vocal; potencializam-se os regimes de processamento da informação, enquanto se mexe na gramática dos sentidos desses atores em jogo.

O carrinho e a cidade: mídia ambulante e narrativas urbanas

Posicionado no centro da assembleia, o carrinho de som é o *medium* que estende e amplia a voz humana e seu caráter persuasivo, congrega e dispersa a audiência, faz e desfaz o círculo oralizado em torno da palavra e do gesto retóricos, além de chamar à escrita. Produto de bricolagens que transformam técnica em tecnologia, o dispositivo se inscreve no contexto da intervenção humana na paisagem da cidade, num tipo de prática cultural já disseminado em diferentes cantos do planeta. Dos núcleos urbanos mais populosos aos distritos mais remotos do interior, esse jeito criativo de produzir veículo de mídia e retórica de rua parece ter-se firmado na nossa *imaginação técnica*, “protagonista de mudanças urbanas” (SARLO, 2004, p. 11). Os protótipos se perdem na história, mas as variantes locais nos ajudam a perceber um certo *modus operandi* da máquina de fazer falar e ouvir, de que também faz uso o Socialismo e Liberdade.

Onde antes se formou o primeiro núcleo citadino do Brasil, São Salvador, um carrinho multimídia percorre as ruas, lança seu “mix de experiências sonoras, visuais e sensoriais”⁸ nas vias públicas e congrega “hóspedes de passagem”. Com as mãos no volante do mini trio-elétrico ou empunhando um microfone sem fio, a produtora e performer, Ana Dumas, conduz todos os anos o cortejo para Iemanjá, na passagem do dia 1º ao dia 2 de fevereiro. A concentração do “Balaio”, como é conhecido o ritual dos amigos que levam oferendas ao orixá, acontece na famosa Rua Fonte do Boi, colada a uma praça também de formato triangular, no animado bairro do Rio Vermelho. A “engenhoca” foi inspirada, dentre outras influências, nos carrinhos de café da Bahia e de DVDs piratas cearenses, nos *sound systems* jamaicanos e nova-iorquinos e, é claro, nos trios elétricos. Ambulante desde a concepção, atravessa o país e o mundo, participa de bienais de arte, oficinas artísticas e concentrações políticas ligadas aos movimentos sociais, como o “Manifesto da Gente Diferenciada”, de maio de 2011, que mobilizou parte da população da Grande São Paulo, em protesto a declarações preconceituosas de moradores de Higienópolis contra a construção do metrô no bairro. Na estrutura de metal, os alto-falantes dividem a superfície com ímãs ilustrados, em que se lêem palavras de ordem, e fragmentos de poemas que são distribuídos pelo caminho.



Figura 1: Carrinho Multimídia, S. Paulo, 2011⁹.



Figura 2: Carrinho do PSOL, Rio, 2011¹⁰.

O carrinho de som, um mais, outro menos multimídia, é o ator técnico que forma o campo acústico para o jogo performático no espaço público. Bem mais modesto na

⁸ Cf. blog do Carrinho Multimídia em: < <http://www.carrinhomultimedia.com>>. Acesso em 04.07.2011.

⁹ Fonte: Blog do Carrinho Multimídia. Disponível em: < <http://www.carrinhomultimedia.com>>. Acesso em 04.07.2011.

¹⁰ Acervo do autor.



concepção, o parente carioca da mídia Missy Blecape¹¹ não conta com dispositivos digitais, como *i-pod*, *netbook* e projetor portátil de vídeo, presentes na “comunicação itinerante” baiana que “magnetiza olhares por onde passa”¹². Mas, nem por isso deixa de ser multimídia: conjuga letra e voz na sua materialidade, comissionado ao trabalho de potencializar a gestualidade retórica, na praça pública. Enquanto que, no seu correspondente artístico, os recortes de poemas e as frases de efeito se fixam na estrutura metálica, o “mascote” eletrônico socialista carrega, no tampo superior, folhetos de propaganda político-partidária. No Buraco do Lume, os slogans compõem o grande banner que serve de pano de fundo do cenário, os cavaletes espalhados pela praça e os varais de textos pendurados entre as árvores. Enquanto a palavra escrita demarca o espaço físico, o campo acústico é delimitado pelo som da técnica e a gestualidade da voz e do corpo. A letra, presente *na materialidade do carrinho* do PSOL, se insere noutra temporalidade: não é a da leitura instantânea e oralizada que corresponde ao presente da passagem da engenhoca digital baiana; antes, é o complemento do discurso vocal, a ser levado com o transeunte para casa ou para o trabalho, e que visa a uma leitura posterior.

Arquitetura midiática e espaço público: a formação de uma paisagem retórica na cidade

Oralidade e escrita dão o tom ao encontro da militância política, toda sexta-feira na hora do almoço, no centro do Rio. A assembleia se inscreve também numa periodicidade midiática: remete tanto à lógica temporal do impresso, principalmente à das revistas e dos jornais hebdomadários, como também à administração do tempo nas mídias sonora e televisiva, com hora certa para começar e terminar e seguindo uma ordem de apresentação dos produtores de discurso. O retorno, há anos, ao mesmo espaço, ainda cumpre com a circularidade e o devir da tradição oral (LÉVY, 1993, p. 83-84): recobre-se o que passou e atualiza-se a própria ação humana no mundo. O “PSOL na Rua” é também mídia: tem materialidade atrelada à técnica; possui agentes que produzem e fazem circular a informação, em linguagens e tipologias textuais variadas; tem público e audiência; constrói memória, ao gerenciar o tempo e ocupar o

¹¹ Aqui, considera-se mídia não apenas a materialidade do carrinho de som, como também o conjunto formado pelo maquinário, o agente que o criou, seus produtos, linguagens e mensagens. Missy Blecape é o nome artístico da produtora Ana Dumas.

¹² Assim é autodenominado o Carrinho Multimídia. Cf. Referências.

espaço; organiza-se em programação e, ainda, se propõe a representar os dados do real, explicá-los, interpretá-los e inseri-los num propósito pedagógico-retórico. A manifestação na praça pública nos mostra que, das barracas dos camelôs às rádios-cornetas, dos outdoors às bancas de jornal, dos artistas de rua aos centros culturais, a cidade explode em *media*. Dispersos nas paisagens que compõem o *tecido* urbano como uma grande *rede textual* a ser decifrada, eles estão lá, à espera de identificação e análise. Alerta-nos, ainda, do caráter demonstrativo, instrutivo e persuasivo (ARISTOTLE, 2004) dos meios, quer dizer, da estreita relação entre mídia e retórica.

Entretanto, é o caráter oral da compressão do tempo que parece reger o ato público de sexta-feira, no centro do Rio. Com uma hora e meia para conjugar fala e gesto em performance, a produção dos modos persuasivos dos oradores (ARISTOTLE, 2004, p. 5) coincide com o momento catártico em que a textualidade retórica encontra a audiência na praça, e a biografia, o repertório e a trajetória de cada expoente retornam ao mundo de onde saíram como narrativas. É o tempo comprimido da captura do olhar pelo ouvir e do ouvir pelo olhar, saturada de *tactilidade*¹³. A escrita das frases de efeito penduradas no varal ou fixadas nos cavaletes também obedece à mesma lógica oralizada dos ímãs do carrinho baiano-universal, qual seja, a de persuadir a audiência *enquanto esta permanecer na praça*. É, portanto, da ordem do momentâneo e submetida à memória presa ao corpo, que vai determinar, inclusive, a duração desse efeito para além do lugar de encontro.



Figura 3: Varal do PSOL na Rua, Rio, 2011¹⁴.



Figura 4: Cavalete na Praça, Rio, 2011¹⁵.

¹³ O termo *tactilidade*, para McLuhan, é “utilizado não apenas em referência ao sentido do tato, mas para descrever a qualidade do *medium* de requerer alto grau de envolvimento de um ou mais sentidos. Cf. GLOSSARY OF McLUHAN TERMS AND CONCEPTS. Toronto: The McLuhan Program in Culture and Technology, University of Toronto. Disponível em: <<http://www.utoronto.ca/mcluhan/marshall.htm>>. Acesso em 09 dezembro 2009.

¹⁴ Acervo do autor.

¹⁵ Idem.

As publicações distribuídas durante o evento viriam, então, reparar a efemeridade da performance na paisagem urbana, estendendo o tempo de contato com os discursos, ampliando sua capacidade de registro, remediando a mnemotécnica dos textos oralizados no presente fugidio, e, ainda, instituindo outros lugares e práticas de leitura¹⁶. A variedade de tipologias textuais, publicizadas na “prestação de contas”, materializadas em suportes múltiplos de comunicação, vem mostrar a força retórica do oral e do escrito no seu uso político e revigorar, ainda mais, o caráter midiático do encontro. O impresso como recurso persuasivo vai desde os folhetos que convidam para debates sobre o futuro da energia nuclear e palestras com líderes operários até uma coletânea de pronunciamentos e proposições de um dos deputados do Partido, em Brasília. Três desses opúsculos, dispostos sobre o tampo do carrinho de som para serem distribuídos à audiência, são reveladores do modo como a oralidade e o letramento operam na fabricação da paisagem urbana como espaço retórico.

A impressão em frente e verso de uma crônica política fotocopiada, de diagramação simples e contendo apenas palavras escritas, carrega a análise indignada do Deputado Federal Chico Alencar sobre o massacre de 12 alunos de uma escola pública em Realengo, na zona oeste do Rio, ocorrido no dia anterior à distribuição do folheto no Buraco do Lume. Em tom dramático, escrito numa linguagem metafórica carregada de abstrações, o historiador insere o acontecimento da véspera nos macro-contextos da sociedade, política, economia, religião e mídia. A intenção de fornecer explicações e extrapolar dados referenciais do mundo concreto fica clara quando o texto mostra como se “produz” um homicida. Na condição de mídia, culpa a mídia e, com isso, marca lugar em dois campos de força. O folheto, produzido de antemão ainda sob o calor do acontecimento, é oralizado e estendido num pronunciamento público em que a concretude da voz e do corpo do intérprete, vistos e ouvidos no presente da performance, conferem legitimidade à mídia PSOL na Rua e a coloca nas lutas por representação não apenas no campo político, mais autônomo, como também no midiático, mais heterônimo em relação ao primeiro, e de que também faz parte (BOURDIEU, 2004).

Reminiscente dos libelos que povoaram a Europa no início da era moderna, o panfleto de Chico Alencar ainda é herdeiro histórico de materialidades do texto que

¹⁶ Outra abordagem, centrada na recepção dos textos impressos, poderia indicar e até mesmo mapear usos diversificados desse material. Neste artigo, todavia, atemo-nos a observar a relação entre “a letra e a voz” na configuração de uma paisagem da cidade, no momento do encontro das textualidades e suas audiências, no espaço público.



habitaram a esfera pública do século das Luzes. No Rio de Janeiro da contemporaneidade, o espírito iluminista ainda deixa traços na retórica político-partidária da rua. A própria sigla do Partido, o PSOL, já sinaliza essa intenção. O carrinho de som, na função de “tambor tribal” e de “nervo acústico” (McLUHAN, 1964, p. 297; HAVELOCK 1986, p. 30) a serviço da militância socialista, se imbuí da missão de congregar uma audiência dispersa, a ser instruída pela fala e pela escrita legitimadas de ocupantes do poder, homens e mulheres esclarecidos que conquistaram posições nos campos também pela eloquência e a trajetória construída dentro e fora dos cânones letrados, dos quais se espera e se lhes confere o lugar de tradutores de múltiplas representações do real. Em proporções bem menores e de alcance reduzido, o carrinho, à semelhança do rádio, joga na assembleia o “encantamento oral” que, associado à técnica, dá poder e persuasão ao intérprete da palavra (HAVELOCK, 1986, p. 31).

Uma vez definidos como regimes de processamento da informação, oralidade e escrita acabam por incorporar, no uso político e público da elocução, o caráter de regimes de dialética e de retórica. Mas já não o são naturalmente?... , poder-se-ia indagar. Toda fala, toda escrita, toda narrativa já não são, em si, falas, escritas e narrativas de um ou vários poderes? Estariam os modos de comunicação, componentes da “ordem de [qualquer] discurso” (FOUCAULT, 1971), identificados *a priori* como modos retóricos, práticos ou instrutivos (ARISTOTLE, 2004), para além da mídia e da política?

“Privatizou, piorou!”, diz o título do segundo dos folhetos postos em circulação pelo PSOL na Rua. Disponível à leitura, ou a uma simples olhadela da audiência, na sexta-feira de 08 de abril de 2011, uma semana depois do aumento das passagens do metrô do Rio, a publicação contém duas páginas em frente e verso e faz uso de cores, numa programação visual mais elaborada e atraente. Dois terços da superfície da primeira página são ocupados por uma charge do governador do Estado sobrevoando uma composição do metrô em forma de lata de sardinha. A metáfora iconográfica, em que atua a retórica da imagem, ajuda a compor uma textualidade rica em índices de oralidade, com períodos mais curtos e o uso de vocabulário mais “próximo ao cotidiano da vida humana” na cidade. O texto ainda prefere a coordenação à subordinação sintática, indício de que a mentalidade oral se faz presente nos pensamentos “mais agregativos do que analíticos” e “mais situacionais do que abstratos” (ONG, 1998, p. 49, 53, 60). A presença maior de marcas de oralidade na configuração narrativa dialoga com a performance ao microfone e potencializa a intermediação da dupla



palanque/carrinho com o folheto, facilitando ainda mais o jogo persuasivo. Por conseguinte, uma leitura rápida, extensiva, do material distribuído pode ser feita ainda no espaço da rua, sentado em um dos bancos da praça, em pé diante da faixa de pedestres enquanto se aguarda a liberação do sinal de trânsito, ou mesmo durante a caminhada de retorno ao trabalho, depois da pausa-comício do almoço. Os índices orais nos textos podem funcionar como multiplicadores de práticas de ver, de ler e até de ouvir, através de protocolos de leitura e de audição construídos na tessitura da intriga do panfleto, em que os ouvintes-leitores já se fazem presentes, antes mesmo do ato comunicativo e catártico na paisagem urbana.

Ao lado da crônica de Chico Alencar e do manifesto pela re-estatização do metrô, o carrinho de som carrega sobre o capô um jornal de quatro páginas, no formato 15 X 21 cm, com o título “Jean Wyllys”. O veículo de mídia tem manchete, título, *box* e expediente. Mostra a atuação do Deputado Federal eleito pelo Rio de Janeiro, ilustrada com fotos e pequenas notas datadas em forma de diário, escritas em primeira pessoa. A marcação temporal segue uma cronologia inaugurada com a posse do parlamentar em 01.02.2011, até sua participação no I Congresso Nacional do Direito Homoafetivo em 25.03, próximo ao dia 1 de abril de 2011, quando o jornal passou a circular no Buraco do Lume. A inscrição da atuação político-partidária de Wyllys num cronograma linear e distribuída segundo o critério de atualização jornalística, trabalha na lógica da escrita de recuperar o passado, inscrevê-lo num suporte de memória, ordená-lo e classificá-lo. Encontra ressonância na trajetória simbólica da escrita e da impressão, na longa duração, como tecnologias a serviço da legitimação dos atos do poder e dos pronunciamentos públicos. O que se diz ao microfone, em pé sobre o palanque e ampliado pelos alto-falantes do carrinho, ganha, com o jornal, um caráter comprobatório em letra e imagem, urdido na construção histórica dos mitos da escrita associada à verdade, da objetividade da imprensa, que dá forma ao panfleto, e da fotografia como reprodução do real. O braço impresso do parlamentar adquire, enfim, o status de documento, ao registrar o passado recente de um intérprete concreto e reatualizá-lo com sua presença física no encontro da praça. O oral e o escrito se conjugam num trabalho de memória, em que as “virtudes” e as “boas obras” do orador político passam a figurar tanto na “simultaneidade” da comunicação oralizada da assembleia pública urbana, quanto na “subsequeencialidade” do diário impresso em forma de jornal (ARISTOTLE, 2004, p. 21).



Considerações finais

Os homens da multidão que atravessam ou passam ao largo do Buraco do Lume, na hora do almoço de sexta-feira, no centro do Rio, talvez percebam a atmosfera descontraída de uma conversa cotidiana, em que os detentores da fala se abraçam e se dirigem à audiência com interjeições, na expectativa de, com ela, traduzir a “prestação de contas” político-partidária em comunhão tribal: “Ó, gente, o material está aí, é pra vocês pegarem!”. O apelo ao “envolvimento mútuo e intenso” é proporcionado tanto pela voz amplificada que cria o espaço acústico, imediato e imersivo, quanto pela imagem e a palavra impressa que despertam e convidam a olhar. Num cruzamento de mediações tecnológicas, em que um *medium* reabilita ou complementa, atualiza, comenta e redefine outro *medium* (BOLTER & GRUSIN, 1999), o Partido Socialismo e Liberdade enquanto paisagem e mídia urbanas vai se firmando, também, como mediador de demandas político-partidárias de outros parlamentos que não o da praça.

A multiplicidade de mediações torna complexa uma classificação *a priori* da paisagem midiática do Buraco do Lume. Embora o orador no palanque e a audiência na praça estejam fisicamente presentes, o que torna o discurso passível de adaptação e seu efeito persuasivo sujeito a diferentes apropriações, no tempo real e coincidente, observa-se mais um “simulacro de conversação”, típico de uma “interação para-social”, do que propriamente uma comunicação dialógica, de “reciprocidade efetiva”. A manifestação mais visível da intervenção da audiência na fala e no gesto dos parlamentares e dos convidados a discursar são os aplausos, que aumentam de intensidade segundo o que é dito e interpretado no cenário da elocução. Isso porque cabe ao PSOL a produção e a propriedade dos argumentos, a definição da pauta de “discussão”, a escolha dos oradores, além do controle do tempo e a distribuição dos suportes materiais no espaço público, o que remete a um modelo de comunicação baseado na transmissão, com baixo ou quase nenhum retorno da audiência nos canais de mídia (JENSEN, 1999, p. 167).

Mas o círculo oral não se desfaz por completo. A taticidade da ambientação, em que a maior parte dos sentidos humanos se coloca à prova no tempo presente, seria capaz de conferir transparência e imediatismo aos atos comunicativos, como se o PSOL na Rua pudesse desaparecer como mídia e se transformar em “Pessoal na Praça”, num tipo de contato direto com a população, sem os habituais “atravessadores” tecnológicos. Um estudo de recepção talvez conseguisse revelar essa façanha. Na condição de



observadores participantes dos fenômenos da comunicação na paisagem urbana, porém, somos atraídos por um olhar, que nos impede de abstrair os meios e as mediações e, assim, nos posicionam face a face com os agentes e suas textualidades. Os *media* nos fitam e nos atraem, não interessa onde, na geografia da cidade.

REFERÊNCIAS

ARISTOTLE. **Rhetoric**. Mineola/New York: Dover Publications, 2004.

BAKHTINE, Mikhaïl. **L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge et sous la Renaissance**. Paris: Gallimard, 1970.

BILAC, Olavo. **Melhores crônicas**. S. Paulo: Global, 2005.

BLANQUART, Paul. **Une histoire de la ville: pour repenser la société**. Paris: La Découverte, 1997.

BLOG do **Carrinho Multimídia**. Disponível em: < <http://www.carrinhomultimidia.com> >. Acesso em 04.07.2011.

BOLTER, Jay David & GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. Cambridge: MIT Press, 1999.

BOURDIEU, Pierre. The political field, the social science field, and the journalistic field. In: _____. **Journalistic field**. Cambridge: Polity Press, 2004.

FARGE, Arlette. **Dire et mal dire: l'opinion publique au XVIII^e siècle**. Paris: Éditions Du Seuil, 1992.

FERRÃO NETO, José. **Mídia, oralidade e letramento no Brasil: vestígios de um mundo dado a ler**. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2010.

FOTOLOG **Andredecourt**. Disponível em: <<http://www.fotolog.com.br/andredecourt/35576364>>. Acesso em: 03.07.2011.

FOUCAULT, Michel. **L'ordre du discours**. Paris: Gallimard, 1971.

GLOSSARY OF McLUHAN TERMS AND CONCEPTS. Toronto: The McLuhan Program in Culture and Technology, University of Toronto. Disponível em: <<http://www.utoronto.ca/mcluhan/marshal.htm>>. Acesso em 09 de dezembro 2009.

HAVELOCK, Eric. **The muse learns to write: reflections on orality and literacy from antiquity to the present**. New Haven/London: Yale University Press, 1986.

JENSEN, Jens. Interactivity: Tracking a New Concept in Media and Communication Studies. In: MAYER, Paul A. **Computer Media & Communication**. New York: Oxford Univ., 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento da era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.



McLUHAN, Marshall. **Understanding media: the extensions of man**. London: Routledge, 1964.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. S. Paulo: Martins Fontes, 2008.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papirus, 1998.

REBELO, Marques. **Melhores crônicas**. S. Paulo: Global, 2004.

SARLO, Beatriz. **La imaginación técnica: sueños modernos de la cultura argentina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. S. Paulo: Cia. das Letras, 1987.